

NASCE UMA NOVA CULTURA

Pr. Valberth Veras

NO PRINCÍPIO NÃO ERA A INTERNET

Para aqueles que nasceram a partir da década de 80, talvez fique a impressão de que o mundo sempre teve a presença da internet, ou uma interrogação sobre como as pessoas poderiam viver sem a internet. O fato é que nem sempre existiu algo chamado internet, e apesar da sua quase “onipresença” em nosso mundo, seu nascimento é bem recente.

Tudo começou em 1969 na empresa ARPA (Advanced Research and Projects Agency). Tal empresa tinha o objetivo de conectar os departamentos de pesquisa e bases militares dos Estados Unidos. O nome da rede criada foi ARPANET. Era época de Guerra Fria, e os Estados Unidos temiam ficar dependendo de um único computador central que se encontrava no Pentágono, por isso a idéia de criar uma rede que conectasse tudo e fosse mais difícil para um ataque da ex-URSS.

A ARPANET foi então desenvolvida para evitar esse perigo. Ela tinha um Back Bone que passava por baixo da terra e que ligava os militares e os pesquisadores sem ter um centro próprio, ou mesmo uma única rota de informações. Isso fazia dela algo quase indestrutível.

Pouco a pouco a ARPANET foi abrindo acesso para universidades e à medida que crescia foi também alterando seu protocolo de comunicação, o que a tornou mais rápida e com a capacidade quase ilimitada de se expandir. O próximo passo foi permitir que novas redes ao redor do mundo se conectassem à ARPANET. Isso deu origem ao que conhecemos hoje como internet, um imenso conglomerado de redes que se conectam e forma uma teia quase indestrutível.

Talvez você pense: o que tem isso a ver comigo? Tudo!

O surgimento da internet foi de tal forma impactante que mudou a maneira como agimos, pensamos, e sentimos. Enfim, ousou dizer que a cultura foi transformada devido ao advento da internet. Os hábitos foram transformados, a maneira de se relacionar, a maneira de ler, a formação de identidades, as prioridades da vida, e até o amor foi afetado. Pretendo abordar essas questões primeiro identificando essa nova cultura e depois refletindo sobre ela.

IDENTIFICANDO A NOVA CULTURA

O que você faz quando tem uma dúvida sobre algo? Se você pertence a geração da internet, a resposta é simples, vai ao Google. Segundo Batelle (2005, p.6):

A cada link, a cada click, o search está construindo possivelmente o mais duradouro, pesado e significativo artefato cultural da história da humanidade: o Banco de Dados de Intenções. O banco de dados de intenções é simplesmente isto: o agregado de resultados de cada busca já feita, cada resultado listado, e cada caminho tomado como resultado (...) esta informação representa uma história em tempo real da cultura Web – um potente banco de dados de desejos, necessidades, intenções, preferências que podem ser descobertas, intimadas, arquivadas, rastreadas e exploradas para todo tipo de finalidade.

Batelle levanta várias perguntas que nos ajudam a perceber essa transformação em andamento. Por exemplo, o que os adolescentes japoneses pensam que é legal fazer nessa semana? Qual pop star está crescendo ou caindo nas pesquisas? Qual político é popular no Ceará, São Paulo, e por quê? Quem visita sites terroristas e pornográficos?

Tendo esse banco de dados, a Google vai poder oferecer exatamente o que o seu cliente vai querer por que ela sabe o que ele busca. O que o mundo quer? Quem conseguir responder a todas as nuances dessa pergunta terá destravado uma verdadeira transformação cultural, econômica, política e social.

Uma implicação teológica para isso é que a base para a confiabilidade sobre como viver adequadamente em nosso mundo vem do Google. Ele é quem nos informa sobre as nossas mais inquietantes perguntas. O jovem quer saber algo sobre o seu namorado. Ela vai ao Google, e com base nos dados obtidos ela toma sua decisão. Num mundo de uma “onisciência” do Google, Deus e sua Palavra podem ser colocados de lado. Talvez o Google não seja mais do que uma revisitação histórica dos antigos oráculos, como o famoso oráculo de Delfos.

Por outro lado, temos acesso a uma grande quantidade de material de pesquisa teológica mundial jamais obtido. Há uma imensidão de artigos, pesquisas, e-books e outros materiais disponíveis gratuitamente em toda a rede. Isso ampliou bastante o estudo teológico e também em todas as áreas do conhecimento.

A internet é baseada na capacidade de se poder conectar e isso de forma rápida. Tal conectividade se expande para outras áreas, como a financeira. Tudo está conectado hoje, até os sistemas financeiros. Isso é uma ferramenta fantástica para ajudar a obra missionária em qualquer parte do mundo. Nós podemos depositar para o missionário e ele recebe em qualquer lugar que esteja.

A internet também alterou nosso ritmo de viver. Quem se lembra das terríveis linhas discadas, com a página aparecendo lentamente na tela do computador. Isso era insuportável. É isso mesmo que a internet está fazendo. Ela está alterando nossa maneira de conceber o tempo. Um dos pilares ideológicos da tecnologia é o economizar o tempo. Isso fez com que nós redefiníssemos qualidade de vida em termos de velocidade. Na sociedade da internet ninguém quer esperar. Estamos sendo educados a ser impacientes. E isso não é um valor bíblico.

Não apenas isso, mas com a alteração do ritmo de vida, da entrada da rapidez como virtude, temos também uma consequência nos relacionamentos sociais. Muitas igrejas preferem a comunicação de massa do que o velho diálogo um a um, por que dessa forma estão ganhando tempo.

Já que estamos falando de relacionamentos, na era da internet o amor também passa por reformulações. Estamos num contexto de rapidez e de instantaneidade, tudo de apresenta de forma a passar com um click. Romper um romance na internet é tão fácil quanto começar outro, basta o click do mouse. Os sociólogos chamam esta época de modernidade líquida por que tudo é fluído, escapa pelas mãos, e não tem forma definida. O amor em nossa época é assim, fácil de começar e fácil de terminar, líquido, instantâneo, sem forma definida, volátil, que rapidamente passa.

Homens e mulheres desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentimentos facilmente descartáveis anseiam pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por relacionar-se. Contudo, estão desconfiados da condição de “estar ligado”, em específico, de estar ligado permanentemente, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para relacionar-se. Sua ética é a de desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos. Podemos chamar isso de relacionamento de Bolso: pode dispor quando necessário, e depois tornar a guardar, ou de relacionamento vitamina C, em altas doses provocam náuseas e podem prejudicar a saúde.

Dessa forma a maior armadilha a ser evitada no relacionar-se é o compromisso, e em particular o compromisso a longo prazo. Ao se comprometer, estarão possivelmente fechando as portas a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas. Se quer relacionar-se, mantenha distância.

Alguns desafios para a obra missionária também surgem na cultura da internet. Um missionário pode ser facilmente identificado pela liderança islâmica onde ele ministra. Basta que a igreja dele coloque sua foto e pedidos de oração no site da igreja. Dessa forma, assim que os líderes árabes digitarem o nome do missionário saberão

quem realmente ele é. Este sigilo é importante por que em culturas onde o evangelho não pode entrar o missionário terá mais autonomia se ninguém souber que ele é missionário.

O ministério de plantação de igrejas em países fechados ao evangelho, como a maioria dos países islâmicos, tem suscitado novas discussões e debates que só na era da internet eles seriam possíveis. Pocock (2007, p.308), relata a história de Ali, um engenheiro do Oriente Médio, que afirma sua liberdade de adoração da seguinte forma: “Eu agora, pela primeira vez, posso contar aos outros sobre a minha fé. Eu tenho aprendido, ao usar a internet, que meu país tem muitos cristãos. Eu tenho encontrado alguns deles e nós discutimos nossa fé usando email. É perigoso, mas eu tenho proteção no computador que não revela minha identidade.” Esse tipo de comunhão via internet pode ser chamada de igreja? Como seria a liderança de uma igreja na internet?

Vamos olhar um pouco uma febre no mundo virtual que é o blog. Um blog é um site, uma home Page, que contém informação pessoal, reflexões, comentários e frequentemente links oferecidos pelo escritor. O blog é uma maneira gratuita de divulgar o conhecimento, e por isso tem sido muito bem utilizado por pastores e escritores cristãos para divulgar a fé cristã. Contudo, o blog também contém uma ideologia que o acompanha – uma revolta contra a autoridade.

Tim Bernard é pastor da e-Church.com. Esta é um site representativo do que ele e outros chamam de ciberchurch: uma comunidade online de bloggers crentes que usam a tecnologia da internet. Bernard acredita que eles são a vanguarda de uma transformação das estruturas da igreja tradicional. Para Bernard os bloggers representam uma descentralização da autoridade instituída, a qual agora é passada para as mãos do público leigo. Segundo Bailay (VANHOZER, 2007, p.183), Bernard postou recentemente o título do seu manifesto: “Nós sabemos mais do que nossos pastores.” Ele afirma que os bloggers, aqueles que têm se cansado de ver os pastores como os guardiões do que é importante, agora estão levando o sacerdócio dos crentes para o seu extremo na internet.

A internet também altera a nossa maneira de ler. A professora Lúcia Santaella (2004, p.19), pesquisadora de comunicação e semiótica, tem estudado essas questões e apresentado uma tipologia do leitor no decorrer da história. Segundo ela, três tipos de leitores podem ser percebidos: o leitor contemplativo e meditativo, o leitor movente e fragmentado e o leitor imersivo e virtual.

Até o século XII, os mosteiros e outros estabelecimentos eclesiásticos detiveram o monopólio da cultura livresca e da produção do livro. Contudo, a partir do século XII, as coisas começaram a mudar, principalmente devido ao surgimento das universidades e o desenvolvimento da instrução entre os leigos advindos de uma burguesa que se formava.

Com a invenção da imprensa por Gutemberg, no século XV, a produção e o acesso aos livros avançou consideravelmente. Contudo, este período é marcado por uma forma de ler bem específica.

A leitura do livro é, por fim, essencialmente contemplação e ruminação, leitura que pode voltar as páginas, repetidas vezes, que pode ser suspensa imaginativamente para a mediação de um leitor solitário e concentrado.

Em resumo, esse primeiro leitor é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e do tecido da tela. O livro na estante, a imagem exposta, à altura das mãos e do olhar. Esse leitor não sofre, não é acossado pelas urgências do tempo. Um leitor que contempla e medita (SANTAELLA, 2004, p.24).

O segundo tipo de leitor, o movente e fragmentado surge no cenário da revolução industrial, num período de progresso técnico, das locomotivas à vapor e das imensas horas nas indústrias. É o período do telégrafo, do telefone, depois do jornal. É o surgimento rápido de novidades, como a eletricidade, que facilitava o crescimento das cidades. É o mundo do consumo, da moda e do luxo que se torna preponderante. As cidades se tornam uma fonte de multiplicidade infinita de imagens e registros, tipos, estilos e perfis. É o lugar onde as imagens são produzidas à exaustão e o ser humano sob o medo de não conseguir gravar tudo começa a criar novos meios de armazenamento e reprodução, como a fotografia, cinema, TV e vídeo.

Viver nesse mundo “passou a significar adaptar-se à congestão de imagens na retina. O espectador moderno é um ser submetido ao frêmito urbano e à superexposição perceptiva da velocidade com que imagens, cenas, personagens atravessam a retina. (SANTAELLA, 2004, p. 29).

É nesse contexto que surge o nosso segundo tipo de leitor, aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados por signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. (...) Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que

precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta do tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade (SANTAELLA, 2004, p.29).

O terceiro tipo de leitor surge com o advento da internet e do hipertexto. É o leitor baseado na hipermídia como linguagem e na multimídia como suporte, e que em vez da caneta usa o mouse como seu instrumento de leitura. É o leitor imersivo e virtual. É marcado por navegar nas telas de computadores, interagindo num universo de signos e links “eternamente” disponíveis. É o leitor capaz de se conectar a múltiplos contextos de leitura. Pode estar digitando um trabalho da escola, ao mesmo tempo conversa com um amigo, lê emails, navega na internet, baixa um vídeo, busca uma música, conversa com outros novos amigos que acabaram de entrar no skype, e ainda estar jogando online. É o leitor por excelência fruto de um contexto plurissensorial.

Wirth, citado por Santaella (2004, p. 175), afirma que:

Os hipertextos servem para interromper o fluxo da leitura por meio de redes remissivas interligadas, os *links*, e para conduzir o leitor a “um vertiginoso delírio de possibilidades”. A principal idéia estruturante do hipertexto é a interligação em rede de *links*. Essa rede remissiva tem um efeito centrífugo. O *link* é um convite hipertextual ao leitor para dar um salto receptivo entre vários fragmentos ou planos. O hipertexto, explicitamente concebido como “infindável texto em movimento” nunca chega a ser lido até o fim. Tem-se um texto à frente que, de fato, só consiste em princípios de texto alternativos.

O funcionamento da lógica do hipertexto coloca em cena um novo modo de ler, formado por uma prática comutável entre vários níveis midiáticos. “A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis” (SANTAELLA, 2004, p.175).

À luz desses três tipos de leitores algumas considerações podem ser feitas. Em primeiro lugar, percebo que um tipo de leitor não exclui, necessariamente, o outro. Eu posso ter aprendido a ler imersivamente, e ainda ser um bom leitor contemplativo. O problema reside no fato de que os seres humanos que nascem na cultura da hipermídia talvez não saberão ler contemplativamente. Isso se torna um problema sério porque é fundamental para o relacionamento do crente com o Deus-Trino o poder e o saber meditar na Palavra dele, a Bíblia. Será que nossos filhos sabem ler contemplativamente?

Também é necessário observar, devido à nossa imersão no contexto do hipertexto, se não estamos desaprendendo a ler contemplativamente. Será que nós estamos perdendo a capacidade de ler meditativamente?

AVALIANDO E REFLETINDO SOBRE A NOVA CULTURA

Virtudes

Schultze (2004, p.21) defende a tese de que para viver na sociedade da cibercultura é necessário possuir ou desenvolver algumas virtudes que nos ajudam a manter uma postura cristã crítica e saudável perante as inovações que surgem ao nosso redor.

Em primeiro lugar, ele fala da necessidade do discernimento. Muitos celebram a vinda da sociedade da informação, contudo muito dessa informação é desinformação e mal-informação. É necessário questionar a qualidade de tal informação. Ela nos ajuda a compreender a nossa condição pessoal e as nossas instituições sociais? Ela é trivial ou significativa, útil ou perigosa, relevante ou sem sentido algum?

Infelizmente, estamos sucumbindo ao “informacionalismo”: uma falta de discernimento, uma fé vazia na coleção e disseminação de informação como uma rota para o progresso social e felicidade pessoal. Acreditamos que nessa nova cultura nossa qualidade de vida vai melhorar. Contudo, nessa proposta social pautada pelo acúmulo de informação as atividades humanas disciplinadas que requerem tempo, paciência e perseverança são anatematizadas (SCHULTZE, p.26).

Nós aceitamos o mundo virtual como ele é sem perguntar como ele deveria ser. Estamos obcecados pela informação sem atentar para a nossa condição moral perante tal informação. Somos educados a “surfear”, e dessa forma pairamos na superfície das questões e não nos engajamos na verdadeira luta espiritual que ocorre também no mundo virtual, que é mais real do que se pensa. Surfamos juntos com várias pessoas na internet, mas não nos envolvemos com seus problemas.

Uma segunda virtude é a moderação. Nós assimilamos a idéia de que precisamos estar sempre informados de tudo, e por isso concluímos que possuir a informação é a grande virtude de nossa época. Contudo, é necessário perceber que essa avalanche de informação está nos deixando moralmente superficiais. Cada vez mais enviamos e recebemos emails, acessamos sites, compramos pela net, acessamos bases de dados, mas será que estamos sabendo o que é realmente viver e como viver corretamente?

Nos comunicamos via email, MSN, skype, e outros mecanismos virtuais. Contudo, é preciso verificar se tal tecnologia não está reduzindo a comunicação humana a um meio meramente instrumental de satisfazer nossos desejos imediatos.

A terceira virtude é a sabedoria. Aqui, em vez de buscar mais velocidade de acesso e mais facilidades tecnológicas, devemos nos voltar para as coisas mais importantes que podem nos orientar sobre como viver sabiamente na sociedade da informação. Tal sabedoria só pode ser obtida por meio da reflexão da Palavra de Deus. Somente através da meditação contínua e dedicada é que poderemos ponderar adequadamente sobre os desafios da nossa época, e dessa forma não nos conformar com o presente século (Rm 12.1,2).

A quarta virtude é a humildade. Desde Babel o ser humano investe em grandes projetos que pretendem glorificar o ego humano. Contudo, o fracasso de tal projeto é visto no decorrer da história. Temos o famoso caso do Titanic, o navio que em 1912 foi pensado como aquele que jamais podia afundar. Que tolice da humanidade, creditar tamanha confiança em seus falíveis projetos!

Corremos o mesmo risco ao glorificar a nossa tecnologia e a capacidade de acesso a informações jamais imaginado na história da humanidade. A humildade é uma virtude crucial na era do ciberespaço, pois ela nos convoca a perceber os limites de nossa tecnologia e a viver agradecido com isso. Também nos ajuda reconhecer as questões morais advindas dessa tecnologia e a responsabilidade que isso nos impõe.

A quinta virtude é a autenticidade. Recentemente li um artigo sobre o Second Life. Este é um ambiente virtual com uma sociabilidade própria, dinheiro próprio, e todas as demandas que temos na nossa vida real. Por exemplo, soube que já nasceu o primeiro bebê no Second Life. A questão que importa para nós é o fato de que as pessoas virtuais não são necessariamente as mesmas do mundo real. Aqui me refiro ao fato de no mundo real alguém ser do sexo masculino e no mundo virtual ser do sexo feminino, no mundo real ser um bom cidadão e no mundo virtual ser um assassino, e assim por diante.

A atual tecnologia nos convida a viver uma vida onde falta autenticidade. Isso é semelhante a uma esquizofrenia, onde podemos viver várias realidades, ser várias pessoas, buscar prazeres que não ousamos viver no mundo real. Dessa forma, a internet pode ser uma porta para uma realização dos nossos desejos pecaminosos com a promessa de que nada disso vai afetar a nossa vida real. O equívoco está em pensar que o virtual não é real. Para Deus, o virtual é tão real quanto o real. O pecado cometido no mundo virtual é tão real e ofensivo a Deus como se o mesmo fosse cometido no mundo real. Na era da internet precisamos ser autênticos.

Questões de ajuda

Pocock (2007, p.319) nos ajuda a avaliar esta nova cultura por meio de uma série de questionamentos sobre a mesma. As perguntas estão divididas em cinco grandes temas.

I. Propósito

- a. Como esta nova tecnologia nos ajuda no cumprimento de nossa missão no mundo?
- b. Como esta ferramenta facilita novos entendimentos de nossa missão?
- c. De que forma esta tecnologia ajuda missionários a realizarem seu propósito?
- d. O investimento nesta tecnologia nos afastará de nosso propósito ao criar novas ações para realizar?

II. Pessoas

- a. Qual o custo em termos humanos que se terá que pagar ao se adotar essa nova tecnologia?
- b. São válidas as horas investidas nessa nova tecnologia?
- c. Esta nova tecnologia adia relacionamentos ou afasta as pessoas deles?

III. Ética

- a. Como está nova tecnologia foi produzida?
- b. Os seres humanos ou os recursos naturais foram explorados nesse processo?
- c. As aplicações dessa tecnologia podem ser monitoradas a fim de prevenir seu mau uso?

IV. Cultura

- a. Qual o impacto dessa tecnologia na nossa cultura e igreja?
- b. A mudança advinda dessa tecnologia é vista como parte de um desenvolvimento cultural saudável?
- c. Essa tecnologia mina nossa identificação cultural com as pessoas que somos chamados a servir?

V. Impacto

- a. Como esta tecnologia afeta as pessoas que estamos ministrando?

- b. Se ela produz resultados positivos, quais são e como eles podem ser maximizados?

BIBLIOGRAFIA

BAILEY, Justin A. Welcome to Blogosphere In: VANHOOZER, Kevin J. et al. *Everyday Theology*. Grand Rapids: Baker books, 2007.

BATTELLE, John. *The Search, how Google and its rivals rewrote the rules of business and transformed our culture*. London: Pinguin books, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SHULTZE, Quentin J. *Habits of the High-Tech Heart*. Grand Rapids: Baker books, 2004.